

O ENSAIO

ESCRITORIO DA REDACÇÃO
PATEO DO PARAIZO
N. 26 1º ANDAR.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE DUAS VEZES
POR MEZ A RAZÃO
DE 500 RÉIS.

*De Deus é maldição a ignorancia,
Nas azas da instrucção ao céu subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

Redactor — Henrique Capitolino Pereira de Mello

D. Pedro I e a nossa constituição

*« O historiador não penetra na
noite do passado, nessa necropolis
veneravel das gerações extintas,
sem sacudir a poeira das paixões
do dia. »*

(CONSELHEIRO HOMEM DE MELLO.)

II

Convocação da Assembléa Constituinte.

Por decreto de 3 de Junho de 1822, o príncipe D. Pedro, convocou a Assembléa Constituinte, que devia ser composta de 100 deputados tirados do seio das diversas provincias do Brasil.

No dia 7 de Setembro deste mesmo anno foi proclamada a nossa independencia, e no dia 12 de Outubro foi aclamado no Rio de Janeiro o Sr. D. Pedro, *Imperador constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil*, cujo acto tambem se reproduzio nesta cidade no dia 8 de Dezembro.

Era o Sr. D. Pedro de Alcantara o nosso Imperador constitucional!

O Brasil se julgava feliz! As palavras de seu monarcha eram liberrimas e entusiasmadas, esperava-se que os seus actos correspondessem á ellas!

Elle dizia nas diversas proclamações feitas ao povo: — « Vós amais a liberdade. Eu adoro-a. » ⁽¹⁾

« eu lhes peço advoguem a causa do Brasil da fórma ha pouco jurada *ainda que con-*

tra mim seja, o que espero não acontecerá, por que eu pela minha nação estou prompto até a sacrificar a propria vida, que a par da salvação da nossa patria é nada. » ⁽²⁾

« detesto o despotismo, quér de um, quér de muitos. »

« Não acrediteis pois aos que lisongeiavam ao povo, nem aos que lisongeiavam ao monarcha: uns e outros são indignos e movidos pelo proprio, e vil interesse, e com a mascara do liberalismo, ou do servilismo só procuram edificar, sobre as ruinas da patria, sua orgulhosa, e precaria fortuna. »

« Confiai, Brasileiros, no vosso Imperador e Defensor Perpetuo, o qual nem quer alheias attribuições, nem deixará usurpar as que de direito lhe devem competir..... » ⁽³⁾

No manifesto de 1 de Agosto de 1822 aos povos do Brasil elle faz sobresahir os principios mais liberaes, manifesta os melhores desejos acerca da nossa felicidade, exalta os brios de cada una das provincias em particular, chama aos Pernambucanos *de intrepidos e defensores da liberdade Brasilica*, lembra-lhes, para sublimar o seu valor, as fogueiras do Bonito e as scenas do Recife e em todo o manifesto ressumbra idéas de liberdade, e constitucionalidade.

E o que se devia esperar de tão brilhantes e eloquentes palavras?

Que ellas fossem a expressão do sentimento, que os actos fossem a sua fiel traducção; entretanto prosigamos!....

No dia 3 de Maio de 1823, era a Assem-

(1) Proclamação de despedida aos Mineiros.

(2) Falla de D. Pedro em 2 de Junho de 1822 aos procuradores das provincias.

(3) Proclamação aos Brasileiros.

bléa Constituinte solemnemente aberta com 52 deputados!

« O que de mais illustrado havia no paiz, tudo quanto este possuia de tradições administrativas e habilitações praticas, achava-se reunido no seio da nova Assembléa. »

Ja se vê que não concordamos com o nosso collega Fernando Mendes ⁽⁴⁾ quando diz que não pôde pôr em duvida a existencia de ignorantes na nossa constituinte, embora reconheça nella existir capacidades.

Segundo diz o Sr. Conselheiro Homem de Mello ella tinha em seu seio além de 22 desembargadores, 23 deputados formados em direito, 7 em canones e 3 em medicina, e se bem que não fosse toda composta de illustrações, todavia os menos aptos tinham conhecimento dos principios fundamentaes de direito publico, e a estes na nossa humilde opinião não se pode chamar ignorantes.

Brilhantes capacidades se reuniram para a formação do nosso pacto social!

Os Andradas e com especialidade Antonio Carlos, Silva Lisboa, Carneiro de Campos, Martim Francisco e outros eram verdadeiramente admirados já pela eloquencia, como pela illustração.

A provincia de Pernambuco que ahi estava representada por 13 deputados, contava como verdadeiras glorias Muniz Tavares, já em 1822 deputado ás côrtes de Lisboa, Dr. Pedro de Araujo Lima, tambem deputado ás côrtes de Lisboa, depois ministro, senador e Marquez de Olinda, padre Francisco Ferreira Barreto e outros.

Taes foram os elementos com que se constituiu a nossa primeira Assembléa Geral Legislativa, a qual faz honra a nação brasileira que, com quanto atrasada, se fazia já representar por um congresso respeitabilissimo por suas luzes e liberalismo.

III

Trabalhos da Assembléa Constituinte.

Constituida assim a nossa primeira Assembléa Legislativa e depois da sua abertura solemnemente pelo Imperador, começou os seus trabalhos.

Depois da discussão sobre o ceremonial da abertura em que accordou-se que o monarcha entraria no recinto augusto da Assembléa descoberto, foi nomeada em sessão de 5 de Maio a commissão para redigir o projecto de

constituição, a qual foi composta do modo seguinte:

Antonio Carlós, relator, José Bonifacio, Pereira da Cunha, Camara de Bittencourt e Sá, Pedro de Araujo Lima, José Ricardo, Muniz Tavares.

Na sessão do dia 6 de Maio encetou-se a discussão sobre o voto de graças, finda a qual passaram a tratar de diversas medidas sobre o ponto de vista politico e administrativo, até que em sessão do 1.º de Setembro foi apresentado a Assembléa o projecto de constituição, elaborado pela commissão, para ser convenientemente discutido.

« Todos os grandes principios das liberdades constitucionaes, todas as nobres conquistas do systema representativo eram ahi proclamadas e consagradas.

« A liberdade pessoal, a igualdade perante a lei, a publicidade do processo, a abolição do confisco e da infamia das penas, liberdade religiosa, a liberdade da imprensa e de industria, a garantia da propriedade, o julgamento pelo jury, eram ahi solemnemente reconhecidos. »

No dia 15 de Setembro começou a sua discussão, e embora com algumas alterações sempre para melhor, subsistio o mesmo em essencia.

Marchavam os negocios regularmente, se bem que se deixasse divisar da parte de alguns retrogradadas uma certa indisposição para com a Assembléa que confeccionava a constituição. Segundo elles era ao Rei que tal attribuição competia, seguindo assim os principios então em voga na Europa e apontados pela *Santa Alliança*.

A constituição devia ser feita pelo Rei para governo do povo, e não por este para seu governo e dos Reis.

Um projecto apresentado pelo Sr. Muniz Tavares, e que tendia a expellir do Imperio no prazo de tres mezes, a todos os Portuguezes que não adherissem a independencia, veio lançar no seio da constituinte divergencias e discontentamento. E entretanto ao nosso vêr nada há nelle de extraordinario, ao contrario era a consequencia immediata da nossa independencia. Pois se estavamos trabalhando para nossa emancipação politica, se nos achavamos em uma quadra melindrosa, se nos declaravamos em opposição aberta á vontade da nação portugueza que nos queria como colonos, nada mais justo, nada mais consequente do que a expulsão de nosso territorio dos Portuguezes que não adherissem a nossa independencia.

Todos nós eramos Portuguezes antes da in-

⁽⁴⁾ *Direito Constitucional* Revista Academica n. 1.

dependencia, constituia-se agora outra nação e pois foi muito justo que consentissemos em nossa communhão os nascidos em Portugal que a ella quizessem pertencer, assim como foi tambem justo que quizessemos expellir do nosso seio aquelles que não queriam tomar parte na nossa independencia.

Nada mais justo do que afastar de junto de si os seus inimigos.

O ministerio Andrada foi demittido pelo Imperador no dia 17 de Julho, em virtude, cremos, de suas vistas anti-lusitanas, e de seu excesso de amor pela causa liberal.

Foi victima de sua abnegação!

A este acto se seguiu a ordem de que fossem incorporados no exercito brasileiro, os Portuguezes aprisionados na Bahia na guerra da independencia.

A Assembléa admirada deste acto, que foi censurado com razão por alguns deputados, pediu ao governo sobre elle explicação.

E de facto se algum sentimento deviam inspirar nesta época melindrossima os Portuguezes, não era outro por certo senão o da desconfiança. E como explicar-se o facto de soltar-se da prisão e entregar-se as armas para a manutenção da nossa independencia a homens que contra ella haviam guerreado?

Entretanto D. Pedro I, o monarcha liberal que proclamava a divisão e harmonia dos poderes, querendo a sua inspecção mutua, o monarcha que *não queria alheias attribuições que detestava o despotismo* e que *adorava a liberdade*, não supportou a inspecção que sobre seus actos queria exercer justamente a Assembléa, não admittio que houvesse um poder que pedisse explicações de suas medidas a elle que *detestava o despotismo*, a elle que *adorava a liberdade*, e offendido pelas contas que se lhe pe liam, mostrou que sabia ser *liberal e constitucional* com o acto do dissolução arbitraria das camaras de que no seguinte artigo fallaremos.

(Continúa.)

H. C.

HISTORIA PATRIA.

Esboço Historico da Provincia de Pernambuco

POR

H. C.

PARTE PRIMEIRA

(Continuação)

CAPITULO IX

Duarte de Albuquerque Coelho. — Jorge de Albuquerque Coelho. — Portugal passa ao dominio da Hespanha.

Tendo Duarte de Albuquerque Coelho

chegado a Pernambuco e apossado-se do governo da capitania, como ficou dito no capitulo precedente, já achou, segundo Fernandes Gama, os Cahetés vencidos e subjugados por seu primo Jeronymo de Albuquerque, porém segundo Pereira da Silva, elle cedeu o commando da força a seu irmão Jorge de Albuquerque, em quem reconhecia superioridade para as armas, e este desbaratou completamente os indigenas, alongando os dominios de seu irmão muito além dos limites onde chegára seu pai. ⁽¹⁾

Os Francezes que desde a descoberta do Brasil não perdiam occasião de nelle estabelecer-se, por este tempo achavam-se fortificados no Rio de Janeiro.

Nicoláo Durand de Villegaignon, cavalleiro de Malta, e sectario da religião calvinista, com o fim de evitar a perseguição que aos protestantes fazia Henrique II, rei de França, e de fruir as riquezas do solo brasileiro, quiz estabelecer-se neste paiz, para o que pediu e conseguiu licença do seu governo. Reunindo cerca de noventa calvinistas, embarcou em dous navios bem armados em 1555, e dirigio-se para o Rio de Janeiro, onde sendo bem recebido pelos Tupinambás, fundou em uma ilha deserta um forte a que denominou *Coligny*.

Depois desta fundação e de haver resistido com vantagem aos ataques dos Fluminenses, Villegaignon voltou á Europa em busca dos soccorros de que necessitava.

Neste tempo, Mendo de Sá, 3.º governador geral do Brasil, recebendo ordens para expulsar os Francezes, aprestou uma expedição e com ella partio da Bahia no dia 16 de Janeiro de 1560. Tendo lá chegado e depois de receber auxilios de S. Vicente ⁽²⁾ atacou a ilha de Villegaignon, ganhando no dia 17 de Março o forte com todos os petrechos de guerra. Mas os Francezes desalojados da ilha, refugiaram-se no Continente, e passados annos, com o auxilio dos Tamoyos e dos Tupinambás, restabelece-

⁽¹⁾ Isto mesmo refere o autor da — Relação do Naufragio de Jorge Coelho — contemporaneo destes factos.

⁽²⁾ Diz Fernandes Gama que nesta expedição tambem iam 100 Pernambucanos que muito auxiliaram a derrota dos Francezes.

ram-se na mesma ilha. Então foi enviado de Lisboa Estacio de Sá, sobrinho de Mendo de Sá, e com o auxilio de seu tio tomou no dia 20 de Janeiro de 1567 a dita ilha, expellindo definitivamente os Francezes do Rio de Janeiro, e vindo elle a morrer um mez depois, de uma flecha que atravessou-lhe o rosto neste dia.

Entretanto os Francezes não se desengannaram! Longe de seguirem para Europa, dirigiram-se para Pernambuco e desembarcaram no Recife, que neste tempo tinha apenas algumas cabanas de pescadores; mas ali não foram mais felizes. Duarte de Albuquerque Coelho, 2.º donatario, que se achava em Olinda, marchou contra elles á frente dos Pernambucanos, e derrotou-os, obrigando-os a embarcar.

Le monde vá de pis am pi: — O mundo vai de mal á peor. Taes foram as palavras que deixaram gravadas em uma pedra e que o historiador Rocha Pita e Southey nos transmittiram com a mesma orthographia.

Duarte de Albuquerque Coelho tendo assim restabelecido a ordem e o socego na capitania, partio para Lisboa em 1572, deixando o seu governo confiado á sua mãe D. Brites, a quem passou uma procuração que se acha registrada no mosteiro de Olinda.

Deixando a capitania de Pernambuco, sob a regencia de D. Brites, passemos a tratar de Duarte de Albuquerque Coelho e de seu irmão, que antes d'elle havia partido para Europa, assim como dos factos lá succedidos e que tem grande relação com a historia que escrevemos.

Jorge de Albuquerque Coelho tendo vencido os Cahetés e alongado os dominios de seu irmão, como já ficou dito, em cujo trabalho gastou cinco annos, partio em 16 de Maio de 1565 para Lisboa, a bordo do navio *Santo Antonio*. Logo ao sahir da barra o navio deu em um baixo, salvando-se, porém, toda a tripolação e a maior parte do carregamento em bateis e embarcações que prestes acudiram. Entrando de novo á barra e recebendo alguns concertos, tornou á seguir viagem no dia 29 de Junho do mesmo anno; mas perseguido de novo pela tempestade, recebeu algumas avariações. Demandavam a ilha de Cabo Verde para reparal-as, quando appareceu-lhe um

navio de Francezes a 29 de Julho, que, pretendendo entrar em luta com elles, não o conseguiu todavia porque uma trovoadá os separou.

Nesta viagem tão cheia de tormentos e perigos horriveis, mostrou Jorge de Albuquerque Coelho quanto era magnanimo e generoso, já affrontando todos os perigos e animando os seus companheiros á superal-os, já repartindo os seus mantimentos por toda a tripolação que começava a sentir falta d'agua e de viveres. No dia 3 de Setembro encontraram-se com outra não de corsarios francezes, guarnecida por 80 homens e bem munida de petrechos bellicos. Foram todos de opinião que a não portugueza, que não tinha munição alguma, se rendesse; todavia Jorge de Albuquerque não o consentio, e com sete homens apenas que o quizeram ajudar, sustentou o combate durante tres dias, vindo, porém, a cahir no poder dos Francezes a 5 de Setembro, visto terem os tripolantes arriado as velas, oppondo-se á continuação da resistencia.

Ficando assim prisioneiro dos Francezes, já estava preparada para rebellar-se contra elles, quando a mais tremenda tempestade separou as duas náos.

Foi horrivel o que elle e seus companheiros soffreram nos tres dias que durou a tempestade.

Finalmente reduzidos ao ultimo extremo, « sem ter leme, nem mastro, nem velas, nem vergas, nem enxarcias, nem amarras, nem ancoras, nem batel, e sem nenhuma agua nem mantimentos » (3), no meio dos mares, só esperavam a salvação da appareção da não franceza que os havia aprisionado; mas ella apparecendo, em vez de recolher os Portuguezes á seu bordo, acabou de fazer o roubo do que elles traziam, e os abandonou ás garras da fome e do mar tempestuoso.

(3) *Relação do naufragio que soffreu Jorge de Albuquerque Coelho*. Esta obra, alguns dizem que é de Bento Teixeira Pinto, outros, como o Sr. Varnhagem, que é de Antonio de Castro. Se publicarmos em volume as obras de Bento Teixeira, como pretendemos, teremos occasião de resolver estas duvidas.

Assim andaram por vinte e dous dias vagando sem destino pelos mares, quando, depois de morrerem muitos á fome, acharam-se sem o pensar na Roca de Cintra, e no dia 3 de Outubro, mais cadaveres do que vivos, desembarcaram nas costas de Cascaes.

Jorge de Albuquerque Coelho dedicou-se em Portugal á carreira militar e subio ao posto de general. Por este tempo D. Sebastião planejava a conquista d'Africa, para a qual veio tambem em 1572 Duarte de Albuquerque Coelho, deixando a capitania entregue á sua mãi.

Nomeado Jorge de Albuquerque enfermeiro-mór do exercito e commandante de uma columna de cavallaria, embarcou-se com D. Sebastião e todo o exercito em 1578.

No dia 4 de Agosto do mesmo anno teve lugar a grande batalha de Alcacer-Quivir, na qual o nosso heróe mostrou a quanto chega o heroismo e abnegação dos Pernambucanos!

Achando-se do lado de D. Sebastião quando este perdeu o cavallo, offereceu-lhe o seu, e não obstante achar-se ferido combateu denodadamente até que cahio como morto no meio dos cadaveres. No outro dia, achado ainda com vida, foi levado para o captiveiro dos Mouros, d'onde depois de dous annos de soffrimentos e a custa de um resgate voltou para Portugal, todo alquebrado e aleijado das pernas.

« Mas que differença em Portugal! Como estava mudado!

« A D. Sebastião succedeu no throno portuguez o sexagenario cardeal D. Henrique, que, expirando poucos mezes depois, deixára a corôa ambicionada por muitos pretendentes, dos quaes eram dous portuguezes, a duqueza de Bragança e D. Antonio, prior do Crato. Mandou Felipe II, rei da Hespanha, que o duque d'Alba, á frente de um exercito, se apoderasse de Portugal, e o unisse á corôa hespanhola. Estremeceram os Portuguezes. Ousaram poucos resistir ao poderoso monarcha. Recolheu-se ao silencio a duqueza de Bragança. Unico foi o prior do Crato que pegou em armas, e chamou Portuguezes ao combate. Contra-

ria lhe correu porém a sorte, e venceu Felipe II. » (4)

Portugual pois passou ao dominio da Hespanha e com elle todo o Brasil.

Pernambuco perdeu o seu 2.º donatario Duarte de Albuquerque Coelho nos campos de Alcacer-Quivir e como não deixou descendencia a capitania teve por 3.º donatario o seu irmão Jorge de Albuquerque Coelho; porém elle não voltou mais á terra natal e governou Pernambuco por meio de lugartenentes.

Casando-se teve dous filhos nascidos em Lisboa: Duarte de Albuquerque Coelho, distincto escriptor que veio a ser o 4.º donatario de Pernambuco, e Mathias de Albuquerque, um dos seus primeiros cabos de guerra.

O pernambucano Jorge de Albuquerque Coelho tambem era distincto pelo seu talento e erudição.

« Escreveu diversos tratados moraes e politicos, e memorias importantes sobre as guerras do Brasil, durante as primeiras explorações. Segundo o juizo critico dos chronistas contemporaneos, revelam estas memorias o apurado talento de seu autor pelas miudas noticias, que dão do estado de Pernambuco. » (5)

Não se sabe a época do seu fallecimento.

Eis por conseguinte relatada a vida do illustre pernambucano Jorge de Albuquerque Coelho, eis tambem descripta a derrota de D. Sebastião na batalha de Alcacer-Quivir e a passagem de Portugal para o poder do ambicioso e tyrannico Felipe II de Hespanha que a poder das armas e do ouro venceu os seus quatro competidores.

No capitulo seguinte trataremos dos acontecimentos de Pernambuco em quanto se davam estes factos na Europa e Africa, isto é, na ausencia do seu 2.º e 3.º donatario.

(Continúa).

(4) Biographia de Jorge de Albuquerque, por Pereira da Silva.

(5) Attribuem-lhe os chronistas igualmente uma falla notavel aos governadores do reino. Vide Diogo Barbosa na sua *Bibliotheca lusitana*.

Delirio (*)

Ao amigo Julio Cesar Leal.

Busco uma alma que viva em minh'alma,
 Busco um peito que viva em meu peito,
 Busco em fogo de amores desfeito
 Outro fogo que abraze o meu ser;
 Palpitantes, trementes e mudos,
 Busco uns labios que inflammem meus labios,
 A olvidar da desdita os resabios
 Lh'absorvendo na bocca o prazer!

Quero amor! que me escalda o desejo
 De outro achar, qual o meu, santo e puro;
 Quero amor! Infeliz... que procuro?
 Ai, que amor não existe p'ra mim!...
 Procurei-o no campo... debalde!
 Na cidade busquei-o... não pouco!
 Invoquei-o no mar... cego e louco,
 E jamais pude vê-lo por fim!

Suspirei co'o crepuse'lo da tarde,
 Suspirei com a noite silenciosa,
 Suspirei co'alvorada esplendente...
 Mas por mim, ai! ninguém suspirou;
 Entre tantos, que vagam na terra,
 Ternos peitos que amores inspiram,
 Quantos ha, que mesquinhos suspiram,
 Renegados d'amor, como eu sou?!

Com tão grande paixão dentro d'alma!
 Com anhelos d'amor tão profundo!
 E não ter alegria no mundo,
 E no mundo alegria existir!...
 — Vinde vós, levianas nocturnas,
 Vinde, ó turma formosa e garrida!
 De delicias cercai-me na vida;
 Quero amar-vos! depois... succumbir.

Trazei pois o sorriso nos labios,
 E na fronte o delirio que inflamma,
 E nos olhos a vivida chamma
 Que a escaldar-me o espirito está!
 Sôlta ás brisas a fulva melena,
 Fluctuando no collo incuidosa,
 Desprendida a roupagem ciosa
 Que mil graças occulta, quiçá

Perguntei ao revolto oceano
 Pela bella, que em sonhos revia;
 Mas ninguém á meus ais respondia,
 E eu... maldisse o destino oppressor!
 Me allucina o desejo de achal-a...
 Mas o écho importuno, que atrôa,
 Onde quer que a procure, resôa:
 — Viverás sempre assim, sem amor! —

1874.

Francino Cismontano.

(*) Trad. de D. Luiz Rivera.

A' Exm.^a Sr.^a D. Laura Emilia de Almeida Seve, na festa
de seu natalicio.

(POESIA INEDITA.)

Nasce a flor no sorrir da primavera,
 Traz estampada em si dos seus a imagem;
 Nos seus encantos, no seu doce aroma,
 Falla d'amor a candida linguagem.

Nella tudo é pudor, tudo é magia,
 Na corolla, nas pétalas mimosas,
 No lindo estame, n'hastea que a sustenta,
 E em mil graças gentis deliciosas.

Logo, ao abrir do seio delicado,
 Raro thesouro de primor celeste,
 Lhe rebenta no pollen que a fecunda,
 E no vario matiz de que se veste.

Nesse mysterio lhe alvorece a vida,
 Grata, louçã, maravilhosa e bella,
 E a flor que do botão tímida surge
 Pura s'expande então, casta e singella.

Assim nascestes vós, modesta Laura,
 No almo sorrir d'uma estação florida:
 Perdoai — disse mal — então vós mesma
 Fostes a flor a despontar garrida.

Fostes vós e ainda sois o anel primeiro
 D'uma cadeia d'ouro deleitosa,
 Que resplandia em vós, como em sacrario
 De suave união affectuosa.

Ereis e ainda sois... Mas não me é dado
 Volver atraz; o dia que hoje esplende
 Vosso natal augusto commemora,
 Amplas recordações em si comprehende.

Nem ousou eu, senhora, nesta festa,
 Que é toda vossa, perturbar profano
 Co'o pesado trovar de triste lyra
 Vosso horoscopo alegre e soberano.

Como a flor ao nascer, ao desprender-se
 Em mil effluvios de vivaz poesia,
 Nascesteis vós, e haveis sempre ostentado
 Excellencias de rara primasia.

Parabens vos dou eu por taes penhores
 Da vossa dita no correr da idade:
 No coração, no espirito sereno
 Tendes, sim, o condão da l'licidade.

Neste gremio de enlevos innocentes,
 Aqui em vosso pai tão desvelado,
 Vos deu a Providencia em larga cópia
 D'intimas afeições cofre sagrado.

E nesta vossa mãe que lembra a outra,
Tão fagueira d'amor, tão extremosa,
Tendes, Laura, um modelo, um typo d'anjo,
Que vos bafeja a vida bonançosa.

Neste ledo festim, junto aos queridos
Feiticeiros irmãos, nesta vivenda,
Onde vossa alma se dilata em gozos,
Dai, senhora, lugar a pobre off'renda:

Pobre off'renda, é verdade, mas tributo
Espontaneo, intranhavel, respeitoso,
Qus vos consagro eu, unindo um voto
Aos votos d'um cenaculo formoso.

Livre poeta sou, canto o que sinto
Que se deve cantar; por isso venho
Pagar-vos a oblação, que, a vós devidos,
E' para mim um precioso empenho.

Tambem me cabe embevecer o espirito
Neste folgar de gyneceu brilhante:
Tenho parte comvosco em vossas glorias,
No progresso em que ides triumphante.

Duas phrases por fim: — grata homenagem
Ao natalicio vosso. Eu vos saúdo:
Deus que nos ouve dar-vos-ha p'ra sempre
Gozos, encanto, amor, ventura e tudo.

1872 — Recife, 18 de Agosto.

A. R. de Torres Bandeira.

o cego

Ao amigo Targino Lysandro Carneiro da Cunha.

Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume.

(V. Hugo.)

O mundo é palco inebriante e rico
Onde se passam da existencia os actos,
E' vasto templo cujo throno occupa
Mulher formosa, com seus dons, recatos.

Aqui nós vemos gigantesco pego,
Com furia insana, com fragor immenso,
Rojando as praias seus lençóis de espumas,
Quebrando as ondas no arrecife extenso.

Alli o campo matisado e rico,
Cuja belleza nos deslumbra a vista,
O bosque vasto de avezinhas cheio,
A cujas graças não ha quem resista.

Além o arroio devagar correndo
Entre as pedrinhas que seu leito fazem,
Bellas florinhas pelo val' fluctuam
Quaes pyrilampos que nas mattas jazem.

Mais longe o céu, o firmamento bello,
O sol nitente que a natura enflora,
A argentea lua, as estrellinhas pallidas,
O quadro ingente do nascer da aurora.

Nada tu vês! Escuridão perpetua
Reina a teu lado, te encobrindo o mundo!
Não vês o encanto da natura esplendida!
Não vês as ondas desse mar profundo!

Mas o que importa?! Se não vês o quadro
Do mundo immenso e do céu tão puro,
Tambem não vês a corrupção que lavra,
O crime horrivel mais o vicio impuro.

Não vês as graças que a natura encerra!
Não vês as obras do talento humano!
Flores, perfumes, harmonias, festas,
Tudo é chimera, illusão, engano!

Pedes bem pouco deste mundo ingrato,
Somente um guia que te dê a mão!
Se negra treva te acoberta o mundo,
A luz do espirito não te falta, não!

A sã virtude, o innocente amor,
Pura amizade, religião do crente,
Tudo conheces, pois que tens os olhos
Da phantasia vigorosa, ardente!

Em teu espirito o retrato tens
Do mundo immenso, com seu grão primor,
Tens em tua alma um paraizo eterno,
Deus, innocencia, poesia, amor!

7 de Agosto de 1876.

Alcipreste.

Ausencia

Soffro martyrios por me ver ausente
D'um genio casto que só sabe amar,
Contemplo a vida debulhado em prantos,
Captivo os dias em assaz pensar.

Querida imagem seductora e bella,
Vem, e acalenta tão ferinas dôres;
Vem ver o estado do infeliz amante,
Que por ti soffre, cherubim de amores.

Vem, não demores, meu celeste archanjo,
Jurar por Deus o nosso amor ardente,
Que o meu tu guardas em teu peito amigo,
Por mim jurado para ti somente.

Não juro falso, meu amor é puro,
Doce esperança que não vai além ;
Agora espero juramento firme
De ti, donzella, meu prezado bem.

Placida e meiga como tu não ha,
D'entre teu sexo que tão bello é,
Vem só por isso praticar a jura
De amar-me sempre dedicando a fé.

Se amar-te é crime, criminoso estou,
Venham mil autos contra mim de horror,
Que réo embora, bradarei contente,
Soffro oh ! donzella porque tenho amor.

C. D.

**No album de seu filho Henrique Soares de
Azevedo**

(POESIA INEDITA)

Quizeste que fosse eu que abrisse, pensativo,
As paginas modestas d'este intimo livrinho,
E que, por entre os ais — p'ra ti novo incentivo —
Alguma flor cerulea colhesses em caminho.

Cabia-me esse jus. O tronco é que abre a porta
Ao florido pimpolho que lèdo alli rebenta ;
O cysue genitor é quem primeiro corta
O lago transparente ao filho qu'elle alenta.

Mas farta galeria de vividos primores
Virá fixar-se aqui, ao pé dos meus conselhos ;
E muitas affeições, talvez muitos amores,
Aqui serão p'ra ti mais fulgidos espelhos.

Oh não... ; que o meu Henrique é dom d'amor bendito,
E garfo que s'inclina ao roble como a hera ;
E se eu, ás vezes grave, a strada lhe indigito,
A fronte docil curva, e beija a mão austera.

Os meus dictames cifram-se em só dois mandamentos,
Mas são dois pólos igneos, aos quaes deves erguer-te :
— Sê *probo* e sê *piedoso* : — liberto de tormentos,
Virão de p'rigos mil os anjos defender-te.

E quando te interroguem se tinhas contra o vicio
Algum talisman santo, que o misero consome,
Responde-lhe : « fui probo, ardi n'um sacrificio
Que a Deus fiz inda moço » : — amostra-lhe o meu nome.

Pernambuco, 1 de Janeiro de 1868.

José Soares de Azevedo.